

MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS DOS TRABALHADORES RURAIS DA REGIÃO DE PORTALEGRE

Este estudo foi realizado no início de 1974 e incidiu sobre o Nordeste alentejano, correspondendo, *grosso modo*, ao distrito de Portalegre. Nesta região, de características físicas e humanas bem contrastadas, realizam-se importantes movimentos migratórios de carácter temporário, envolvendo alguns milhares de pessoas. Efectuados por trabalhadores agrícolas que se deslocam para a plantação e colheita do tomate e para as vindimas, mostram uma profunda modificação na agricultura local. Tradicionalmente, como se sabe, esta área recebia mão-de-obra (vinda sobretudo da Beira para trabalhos agrícolas como a ceifa); hoje, pelo contrário, é o que poderemos chamar uma região emissora de gente.

1. MIGRAÇÕES PARA OS TRABALHOS AGRÍCOLAS

Tomate. — Consideraremos três bacias de recepção de mão-de-obra, duas localizadas no interior do distrito de Portalegre e uma no seu exterior.

A maior área receptiva é a dos regadios do Caia (est. II, A), que ocupam temporariamente mais de 5000 pessoas e que, pela sua grande importância, atraem gente de uma área mais vasta. A sua influência estende-se desde Alpalhão, a norte, ao Crato, a oeste, até ao sul do distrito (fig. 1a).

O movimento, que se inicia em Janeiro por um débil fluxo de mão-de-obra para as sementeiras do tomate, no Algarve, atinge números significativos em Março, quando se iniciam as plantações, e a máxima amplitude em Agosto-

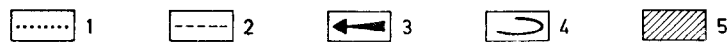
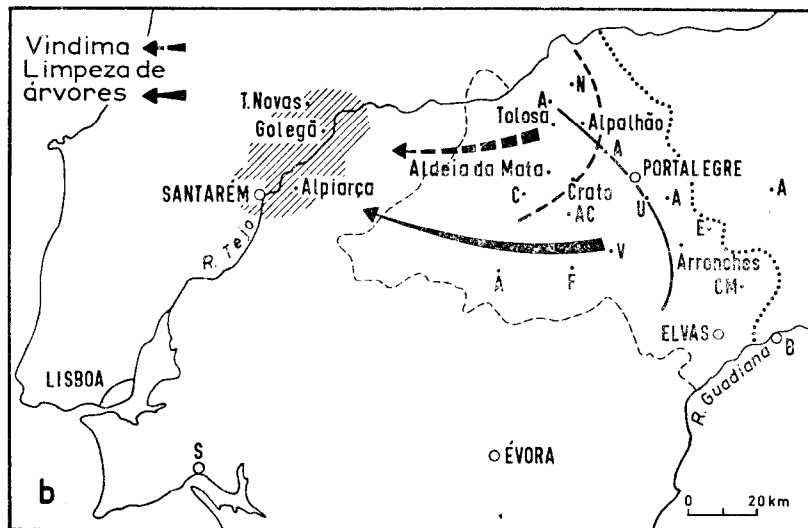
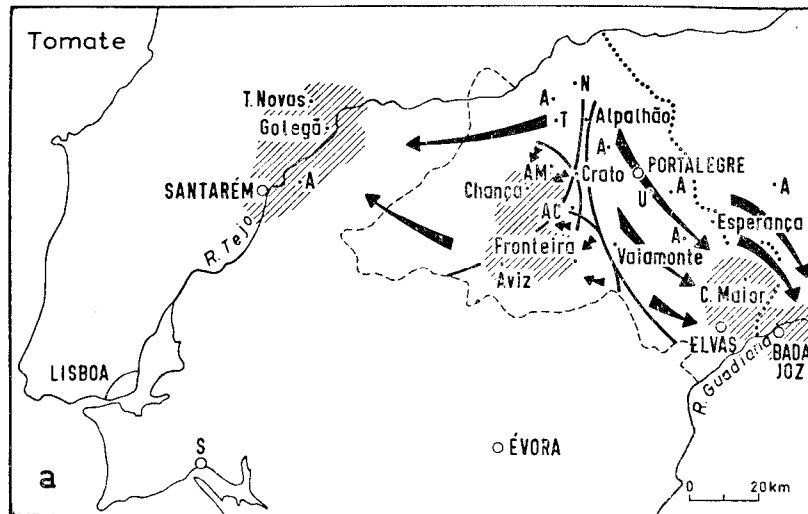


Fig. 1 — Movimentos migratórios para a) as campanhas do tomate, b) as vindimas e limpeza-corte de árvores. 1: Fronteira; 2: limite de distrito; 3: sentido das migrações; 4: limite da área emissora de mão-de-obra; 5: região receptora de mão-de-obra.

-Setembro na altura da colheita e simultânea laboração das fábricas.

Antes da expansão dos regadios do Caia eram os de Badajoz que atraíam a população, sobretudo da região fronteira das freguesias de Alegrete e Esperança. Tal movimento tem vindo contudo a diminuir consideravelmente em favor do Caia.

Esta gente, que se desloca por alguns meses, leva consigo o mínimo indispensável para a nova implantação em terra alheia: um divã desarmável, apetrechos de cozinha, bico e respectiva garrafa de gaz, alguma roupa e géneros — aquilo a que em regra chamam «o estojo» (est. I, A e B). Os patrões fornecem o alojamento, numas precárias barracas de madeira cobertas de zinco (est. II, A) onde se alojam os imigrantes, em condições de evidente desconforto. Vão a casa algumas vezes no meio das campanhas, mas apenas por um dia e por altura das festas principais, como na Páscoa.

A segunda área receptora é a de Chança-Aviz-Fronteira que, por menos importante, envolve também deslocações menores e de uma região mais próxima: Santo Aleixo, Vaia-monte, Cabeço de Vide, Alter do Chão, Crato, Aldeia da Mata e Urra (fig 1a).

A terceira área é o Ribatejo (região de Torres Novas, Golegã, Santarém). Para aqui a população é atraída para oeste de uma linha que passa por Alpalhão, Vale do Peso, Crato e Alter do Chão (fig. 1a).

Estas migrações, embora muito recentes (8 a 10 anos), têm, pelo número de pessoas que envolvem, consequências bem evidentes na paisagem e que adiante serão referidas.

Vindimas. — Este segundo tipo de movimento realiza-se em direcção ao Ribatejo (Torres Novas, Golegã, Alpiarça, Almeirim, Santarém) para efectuar aí as vindimas nos meses de Setembro e Outubro. A zona emissora de gente coincide em grande parte com a do tomate e acha-se a oeste de uma linha ligando Alpalhão, Arronches e Vaia-monte (fig. 1b). É um movimento mais antigo que o anterior, mas cujas motivações e consequências nos parecem muito idênticas.

Embora sejam estas as maiores migrações observadas (e realizadas muitas vezes pelas mesmas pessoas que vivem,

portanto, de várias campanhas, outras há, de menor importância mas ainda significativas. São os casos da apanha da azeitona, da limpeza de árvores ou da plantação de eucaliptos.

Assim, para a apanha da azeitona (efectuada de Novembro a Janeiro) são áreas receptoras as mesmas do tomate: Ribatejo, Campo Maior, Crato-Fronteira (fig. 2a). Simplesmente, o movimento tem proporções muito menores, porque sendo a oliveira uma das árvores mais difundidas por esta região do nordeste alentejano, e sendo a apanha da azeitona um dos trabalhos melhor remunerados, a população ocupa-se dele, sempre que possível, nas localidades de residência e nos arredores. Por este facto, as zonas de recepção têm uma força de atracção muito menor do que no caso do tomate.

A limpeza e corte de árvores, trabalhos efectuados durante o Inverno, são movimentos de maior raio, pois os trabalhadores migram para Espanha, para a Beira Baixa ou para o Ribatejo (fig. 1b), mas envolvem um número restrito de pessoas. Podem considerar-se regiões emissoras de mão-de-obra: Crato, Fortios, Alpalhão, Tolosa e Aldeia da Mata.

Por outro lado, também a plantação de grandes tractos de terreno com eucaliptos, na área das «areias do Tejo», isto é, no norte do distrito (concelhos de Gavião, Nisa, Crato) tem atraído população das regiões vizinhas.

Causas. — Parecem-nos primordiais para explicação e compreensão do fenómeno migratório no nordeste alentejano razões que, por um lado, se filiam nas características fundiárias das explorações e, por outro, nas transformações recentes introduzidas na agricultura.

É de salientar primeiramente a dimensão da propriedade. Exceptuadas algumas freguesias dos concelhos de Portalegre, Marvão e Castelo de Vide, domina, a grande exploração, estando a maioria das terras concentrada nas mãos dum pequeno número de empresários (proprietários). A mecanização destas propriedades foi-se fazendo, sempre que possível (e só o acidentado do terreno o impedia), com uma consequente libertação de numerosa mão-de-obra agrícola. Para trabalhar com as máquinas apenas é necessário um reduzido número de operários mais ou menos especializados. Ao mesmo tempo, também as tradicionais mondas, efectuadas à mão,

e por mulhes, trabalho que as ocupaça durante muito tempo na Primavera, são agora feitas quimicamente e não necessitam, portanto, daqueles braços.

Outra modificação da paisagem agrária é a resultante da transformação de muitas herdades, dantes utilizadas para culturas de sequeiro, em terras de pasto vedadas por arame.

Também razão de peso parece-nos ser a debilidade e fraqueza dos solos, sobretudo na região norte do distrito. Esta pobreza levou a uma emigração para o estrangeiro (principalmente no concelho de Nisa), que atingiu proporções desconhecidas em outras áreas do Alentejo. Actualmente, uma grande parte desta região, ocupada antes com seara (centeio) e olival, está sendo totalmente transformada pelas plantações recentes de eucaliptos que trazem, sem dúvida, consequências nefastas, nomeadamente na falta de pastagens para a criação de gado, falta de água e, mais propriamente no que diz respeito a este estudo, falta de trabalho.

Por outro lado, a realização de empreendimentos hidro-agrícolas importantes em algumas regiões (Caia-Aviz) vai oferecer trabalho e mesmo melhores salários à mão-de-obra excedentária desta área. Muitas vezes os trabalhos são feitos por empreitada e a deslocação é familiar (inclui casal e filhos). Assim, e em conjunto, obtêm jornas relativamente elevadas, o que não deixa de ser um incentivo poderoso para estes movimentos.

O problema da falta de trabalho nesta região (consequência da mecanização, do incremento da criação de gado em herdades vedadas por arame e também da plantação de eucaliptos, entre outras), foi portanto solucionado através das migrações periódicas referidas e da emigração para Lisboa-Setúbal (em grande escala e geral ao distrito) e para o estrangeiro (sobretudo de terras mais pobres como o concelho de Nisa).

Consequências. — São diversas e de importância variável. Como positivas podemos considerar: o aumento de salários, o incremento na construção de habitações (por exemplo na freguesia de Mosteiros, — Arronches —, pequeno aglomerado de pouco mais que uma dúzia de casas, onde desde 1971 já se construíram 10 novas habitações!) (est. III, A e B). Também

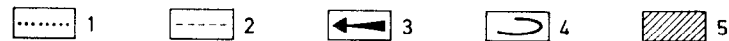
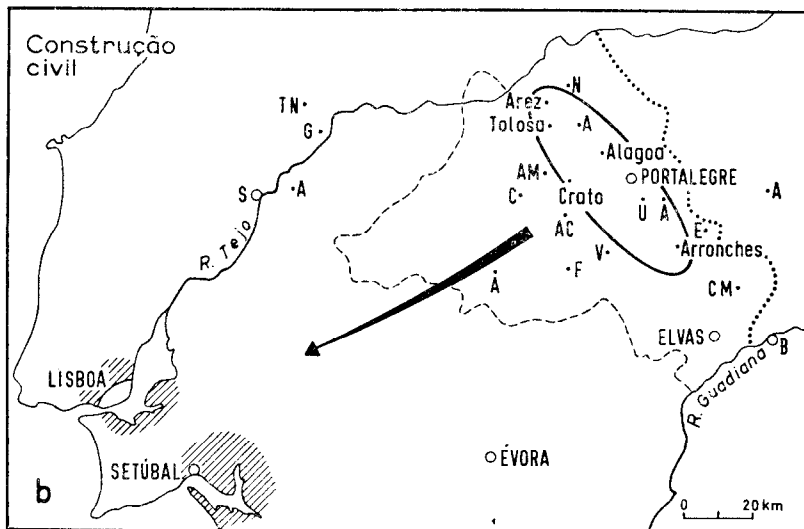
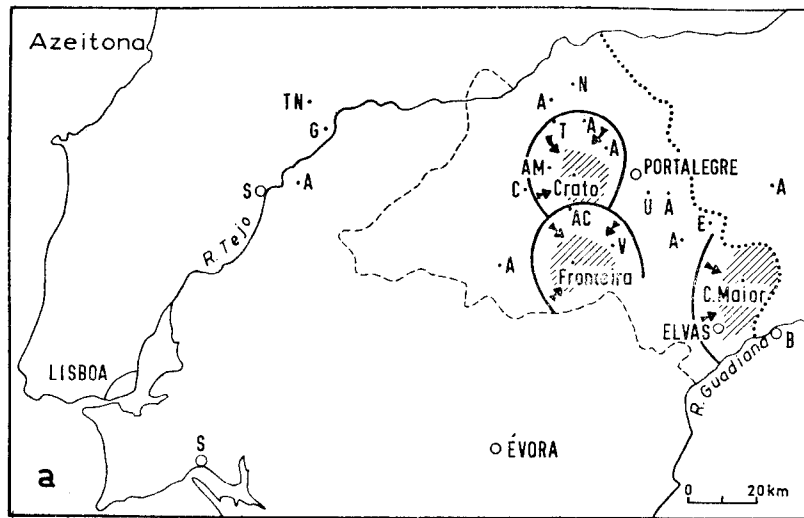


Fig. 2 — Movimentos migratórios para a) a colheita da azeitona, b) construção civil. 1: Fronteira; 2: limite de distrito; 3: sentido das migrações; 4: limite da área emissora de mão-de-obra; 5: região receptora de mão-de-obra.

é notável o aumento do movimento comercial (com a consequente melhoria na alimentação e comodidade da população), dos depósitos bancários, e até aumento da natalidade (infelizmente não temos dados estatísticos para a sua apresentação; foi averiguado através do inquérito directo).

As consequências negativas são, entre outras: a instabilidade permanente desta gente, que durante o ano percorre distâncias consideráveis em busca de trabalho, deixando algumas aldeias semivazias e o abandono do cultivo de terras menos boas, pela falta de mão-de-obra que se faz sentir nas áreas de emigração mais forte.

2. MIGRAÇÕES PARA A INDÚSTRIA E CONSTRUÇÃO CIVIL

Mas os trabalhadores rurais desta região do Alentejo efectuam movimentos migratórios para outro tipo de actividade: a construção civil, nos distritos de Lisboa e Setúbal (Tróia) (fig. 2b). Este movimento, iniciado há cerca de seis anos (1971), foi o grande impulsionador do aumento de salários nos trabalhos agrícolas (que passaram de cerca de 70\$00 em média, em 1971, para cerca de 100\$00 em 1974).

Os homens são recrutados na zona emissora já delimitada para outros movimentos: Arronches, Fortios, Alagoa, Crato, Tolosa, Gáfete, Arez; vêm a casa quinzenal ou mensalmente e, posteriormente, fixam-se em Lisboa e arredores.

A construção de duas barragens no leito do Rio Tejo (Fratel e Cedilho) atraiu para ali trabalhadores das freguesias limítrofes (sobretudo de Nisa, Amieira e Montalvão — umas 150 pessoas), que diariamente se deslocam entre a residência e o trabalho. Este é, contudo, um movimento temporário, esporádico, que fixa a população apenas por algum tempo. A barragem de Fratel estava praticamente concluída (1974) e dispensou a maioria da mão-de-obra que foi assim forçada a uma emigração ou à constante instabilidade das migrações temporárias.

No entanto, sempre que a propriedade é mais pequena e há outros pólos de atracção, já estes movimentos periódicos se não fazem sentir. Os problemas são outros. É o que se passa nos concelhos mais montanhosos do distrito: algumas freguesias de Portalegre, Castelo de Vide e Marvão. A dimen-

são da propriedade permite a posse de pequenas parcelas a um grande número de pessoas; o relevo impede a mecanização dos trabalhos agrícolas e a proximidade de pólos industriais de relativa importância (Portalegre e Santo António das Areias, este mais pequeno mas, mesmo assim, de relevo para as freguesias vizinhas), acaba por fixar a população, dinamizando um pouco a região. Nesta área, os movimentos observados são diários, pendulares, relativamente àqueles dois núcleos. Assim, para as fábricas de Portalegre (lanifícios, cortiça e fibras acrílicas) diariamente se deslocam algumas centenas de indivíduos das freguesias mais próximas: Ribeira de Nisa, Reguengo, Alegrete, Carreiras, Urra, Fortios.

Santo António das Arcias é um recente núcleo industrial (conservas e sapatos), cuja área de atracção é pequena mas que apesar disso teve uma importância decisiva em alguns locais moribundos das freguesias da Beirã, Porto da Espada, Galegos e Marvão.

MARIA JOÃO QUEIROZ ROSEIRA

SUMMARY

Migratory movements of rural workers of the Portalegre region. In the northeastern Alentejo, formerly an area which traditionally needed rural workers, great changes occurred in the local agriculture, which led to an important trend of seasonal migrants. These workers, which go mainly towards Ribatejo and the irrigated lands of Aviz, Caia-Badajoz, find their work in tomato planting and harvesting, grape harvesting and olive picking.

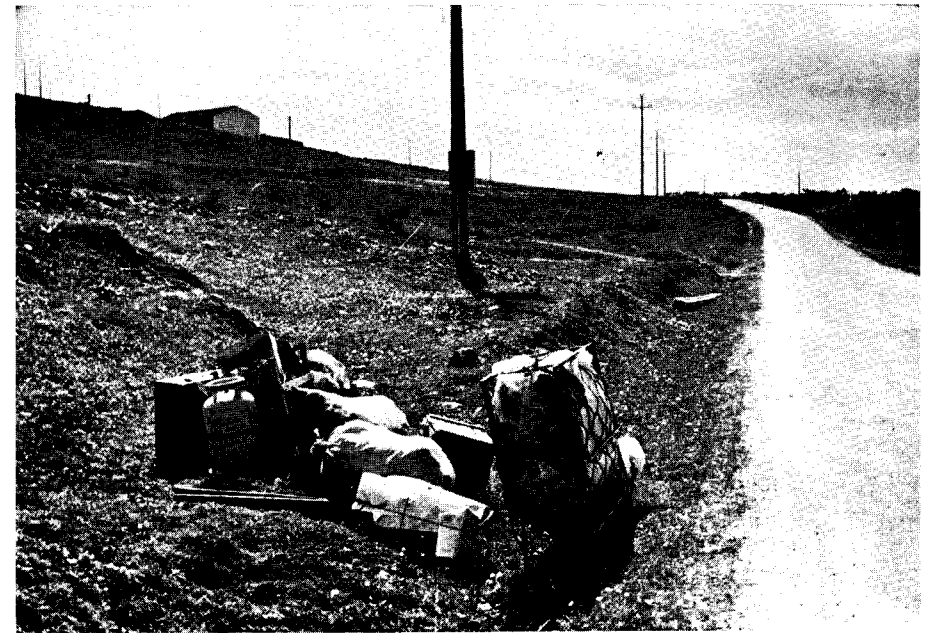
In the second part of this article are analysed the movements of rural workmen for industry and building construction.

RÉSUMÉ

Mouvements migratoires des travailleurs ruraux de la région de Portalegre. Le Nord-Est de l'Alentejo qui était traditionnellement une région d'accueil de main d'oeuvre agricole temporaire, a connu de profondes transformations de l'agriculture locale qui ont déclenché d'importants mouvements migratoires.

Ces déplacements se font en direction du Ribatejo et des régions irriguées de Aviz et Caia-Badajoz pour la plantation et la cueillette des tomates, les vendanges et la récolte des olives.

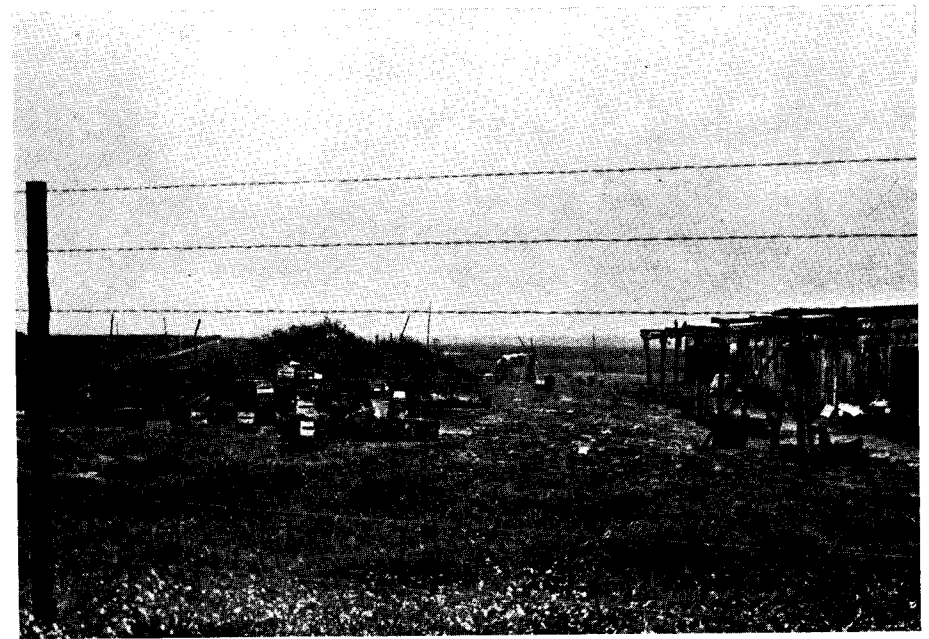
La seconde partie de l'article étudie les migrations liées à l'industrie et au bâtiment.



EST. I, A e B—Mosteiros (Arronches): vários aspectos do «estojo» (constituído por divã, bacia, bilha de gás, fogão e... pouco mais!) que espera transporte.



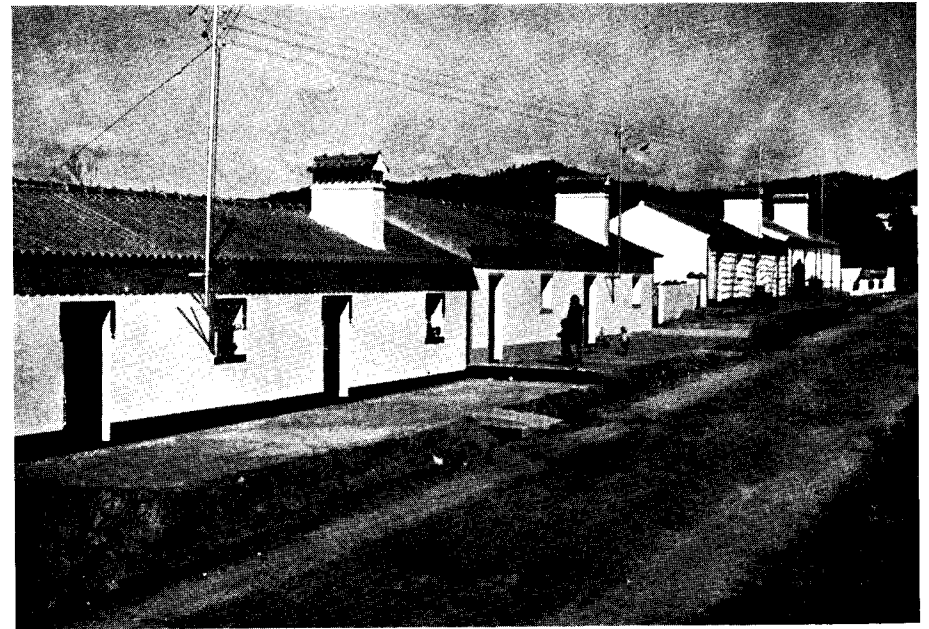
EST. II, A — Região do Caia (Campo Maior): viveiros de tomate.



EST. II, B — Região do Caia (Campo Maior). Os «barracos» onde vivem os trabalhadores de Março a Setembro. Para as mínimas exigências, condições mais que precárias...



EST. III, A — Mosteiros (Arronches). Uma casa nova feita com o dinheiro do tomate. Na varanda, o «estojo».



EST. III, B Mosteiros (Arronches). Um bairro totalmente novo.